

O olho fixo na tragédia do país

GILVAN P. RIBEIRO
PROF. LITERATURA UFJF

O título desta matéria recorda Vianinha. É dele a frase segundo a qual temos que ter a coragem de olhar no olho a tragédia deste país. A lembrança e a frase de Vianinha se adequam à perfeição quando o que se pretende é homenagear Antonio Callado, morto dia 28 de janeiro, de câncer.

De certo modo, Callado marcou indelevelmente uma geração. Mais do que isso: ensinou toda uma geração a ver. A publicação de *Quarup*, em 1967, é um mergulho fundo na história do país, em motivos históricos e míticos que explicam e orientam muitas ações e tendências da época. A visão panorâmica que Callado nos dá, numa abrangência enorme, de governos à igreja, de índios a trabalhadores rurais, envolve e arrasta. A trajetória do Padre Nando torna-se, em larga medida, a trajetória do leitor, que a acompanha e a segue, avidamente. A transformação final de Nando no falecido Levindo (um quarup particular e ao mesmo tempo coletivo) é um pouco a simbiose do leitor com Nando.

As leituras de *Quarup* têm se sucedido. Os aspectos históricos do romance, que poderiam datá-lo, excessivamente, se mantêm em tal equilíbrio com a trajetória dos personagens e, de tal maneira, a narrativa é a narrativa da educação de Nando, quase à maneira do "romance de formação" clássico, que o texto se sustenta e continua a provocar leitores e críticos.

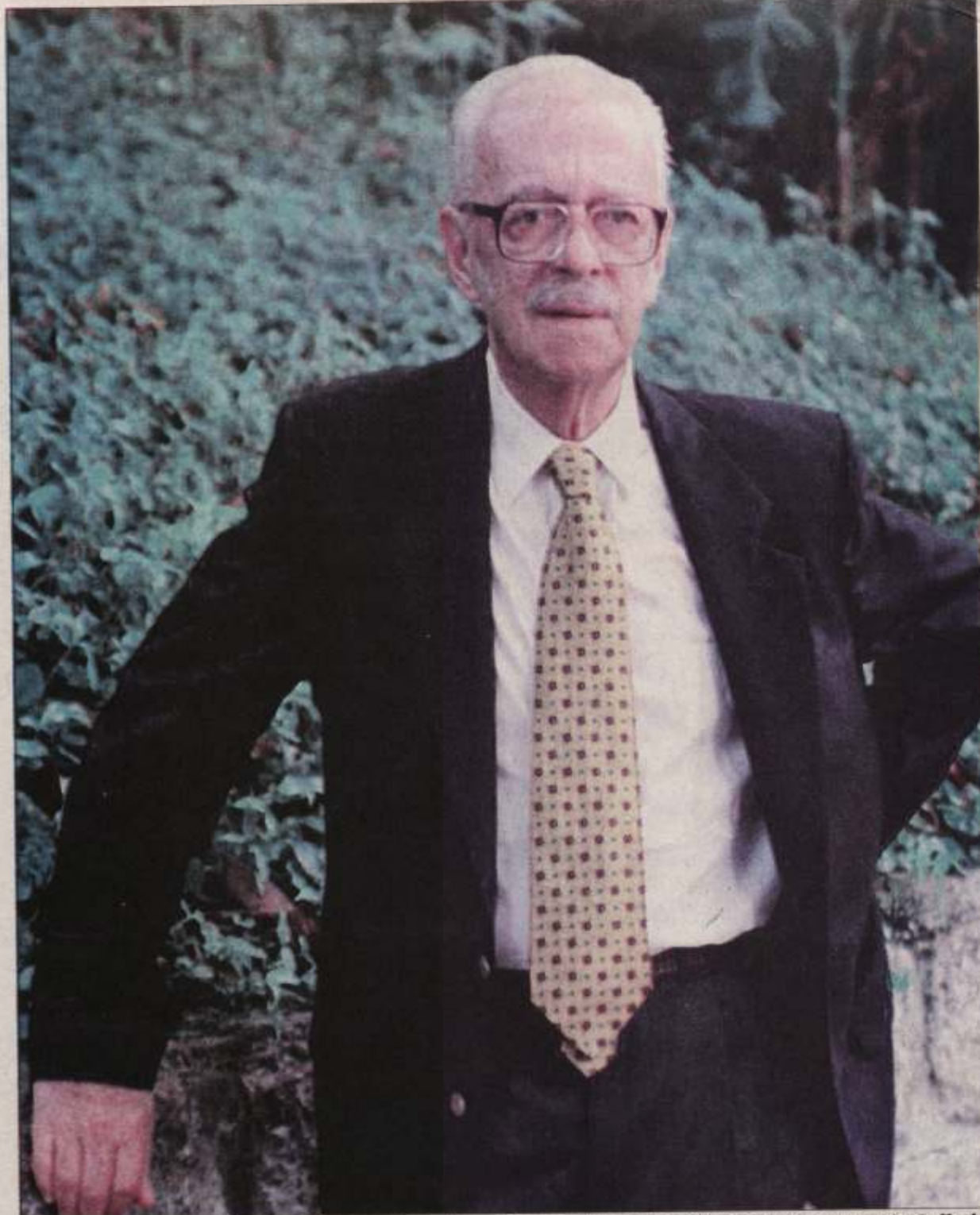
Quarup é, assim, um referencial. Os romances de Callado publicados anteriormente, *Assunção de Salviano* e *A Madona de Cedro*, não ultrapassavam um círculo restrito de leitores. Callado talvez fosse mais conhecido como jornalista do que como ficcionista. Depois de *Quarup*, os ro-

mances de Callado tornam-se objeto de discussão imediata. *Bar Don Juan*, de 1971, e *Reflexos do baile*, de 1976, funcionam também como leitura intensa do período ditatorial, embora sejam muito diferentes um do outro.

Bar Don Juan é uma leitura dolorosa dos limites da ação de certos setores da esquerda, acostumados a resolver todas as questões no bar, o "lugar limpo e bem iluminado" do conto de Hemingway. A realidade invade a proteção do ninho e o choque é brutal e cruel. Um livro bastante desalentado, um pouco talvez demasiadamente marcado pela opressão e o terror do governo Médici.

Reflexos do baile é, de longe, a mais sofisticada das narrativas de Callado, do ponto de vista de sua execução técnica. O virtuosismo narrativo chega à exasperação aqui. Constituído de cartas, bilhetes e depoimentos variados, a narrativa reconstrói o seqüestro de vários embaixadores, a realizar-se durante um baile. O baile é nitidamente comparado ao baile da Ilha Fiscal, que marca, de forma apoteótica, o estertor do império brasileiro. As cartas que se cruzam permitem múltiplas possibilidades, que se exploram com humor e causticidade, como nas traduções feitas das cartas do embaixador americano. Há alguns símbolos de morte e predação muito fortes no livro. Talvez o mais forte seja representado pela obsessão do embaixador americano em levar beija-flores empalhados para os Estados Unidos.

O retrato do Brasil que se apresenta em *Reflexos do baile* está longe de ser tranqüilo. Longe disso. A predação do país, o desencontro e o desencontro entre o povo e os que pretendem falar em seu nome, a tradição desapiedada que impede o rompimento dos laços de autoritarismo e opressão, o conjunto do livro nos mostra uma face não muito agradável de ver.



O romance *Quarup*, de 1967, é uma obra-prima referencial na trajetória do escritor Antonio Callado

Mas é daqueles livros indispensáveis para quem quer pensar o país ou, mesmo, para quem apenas gosta de ler um bom texto.

Sempre viva, de 1981, o romance seguinte de Callado, é um dos textos mais violentos já escritos neste país. O brasileiro, membro da Anistia Internacional, que volta ao Brasil para, em nome da entidade, localizar dois notórios torturadores, vivendo sob identi-

dades falsas, é uma caminhada de Quinho - este o nome do personagem - para um reencontro com seu passado, que queria enterrado e que lateja na cicatriz em sua mão e sua alma.

Os dois torturadores aparecem, aos poucos: um, caçador de onças, manifesta sua salvação explícita na relação verbal que mantém com os animais que caça; o outro, delicado e requintado, cultiva-

do de flores raras, amante de música e poesia, contrasta com os métodos repressivos que usou/usa.

A história é um crescendo de tensões. A violência, latente ou apenas memória, num instante aflora, arrastando tudo e todos. Talvez esta brutalidade tenha afastado muitos leitores. Principalmente porque, a rigor, Callado não inventa coisa alguma. Concentra e depura, mas a violência

do livro está aí, em nosso cotidiano, nos Carandirus e massacres de crianças, sem falar do que não chega a domínio público.

Os dois últimos romances de Callado, *Concerto carioca*, de 1985 e *Memórias de Aldenham House*, de 1989, são diferentes entre si e diferentes dos livros anteriores. *Concerto carioca* é uma fantasia edênica, ou, dito de outra forma, uma reflexão sobre a perda do Éden, sem transcendentalismo. O personagem central, índio/não-índio, civilizado/selvagem, anjo/demônio macho/fêmea, sintetiza múltiplas ambigüidades de nossa cultura.

Em *Memórias de Aldenham House*, Callado se permite uma brincadeira policial. Na última entrevista que concedeu ao jornal "Folha de São Paulo", publicada em 26 de janeiro de 1997, Callado avalia com rigor o livro: "Esse é um livro que não tem nenhuma importância. É a tal história, você facilita e diz: por que eu não hei de escrever um livro policial? É tão fácil... Mas não dá resultado. É besteira. Você precisa botar a sua alma naquela coisa. Pode ficar um livro bom, agradável, sem defeitos maiores, mas também não tem valor". Em que pese a opinião ao autor, o livro pode ser lido com gosto. Se acrescenta pouco ao restante da obra de Callado, também não a desmerece.

Esta rápida incursão pela obra de ficção de Antonio Callado certamente não lhe faz justiça. O fundamental, entretanto, é lembrar sua presença marcante no Brasil, escrevendo sempre, resistindo mesmo quando preso ou com os direitos políticos cassados. Exemplo de amor ao país, sem demagogia ou hipocrisia. Morto, Callado está mais vivo do que nunca. Sua voz ressoa com força em seus textos, provocando e incitando, em cada um de nós, a vontade de desvendar o avesso desta terra, mal conhecida, mal amada e sempre, sempre explorada.